

Processamento

Couro brasileiro, em busca da eliminação dos desperdícios

Arnaldo Frizzo Filho *

ROBERTO ASSUNÇÃO/FOLHA IMAGEM



Peças de couro processado. São Paulo, SP

usadas na proteção do corpo humano. Os primeiros couros eram curtidos acidentalmente, nas florestas, com folhas e cascas de árvores que apresentavam propriedades de curtimento. Com o tempo, o homem começou a desvendar os segredos da preservação e do curtimento e, por isso mesmo, passou a conferir maior nobreza à pele animal que, além de ser um meio de preservação da espécie humana, despertava interesse pela beleza. Nas Idades Média e Antiga, quando os curtumes usavam excrementos de cães para “purgar” as peles – técnica anterior ao curtimento –, essa indústria tinha um mau cheiro horroroso, bem como os que nela trabalhavam. Por isso mesmo, os noivos que trabalhassem como curtidores eram dos poucos homens que uma noiva poderia recusar em casamento,

quando contratado pelos pais de ambos.

Os tempos passaram, e hoje temos no Brasil indústrias de couros moderníssimas, exemplos de preservação ambiental e higiene, convivendo ao lado de indústrias alimentícias. Por tudo isso, nosso país assumiu a liderança mundial na exportação de couros. Além dos critérios descritos na Figura 1, os couros são separados por tamanhos, havendo também os couros de nonatos – bezeros com pelo não-nascidos, retirados do útero das vacas abatidas. De acordo com a Figura 2, os couros bovinos podem ser classificados de acordo com os seguintes graus de processamento:

1. Couro verde ou salgado: verde ou em sangue, como são chamados os couros após a (esfola) retirada dos animais. Era muito usual a salga nesse proces-

so. Para conservar e preservar, para o transporte.

2. Couro *wet blue*: curtidos ao cromo, que os torna imputrescíveis; primeiro estágio da industrialização; apresentam a cor azul claro e são úmidos, por isso o termo *wet blue* (azul molhado);
3. Couro semi-acabado: é o estágio seguinte, quando os couros são recurtidos, tingidos, engraxados e depois secados. Também nesta fase os couros são divididos em duas ou três fatias – flor, raspa e sub-raspa; de um couro, fazem-se até três couros. Antigamente, um animal resultava em 4 m² de couros, e hoje pode atingir até 10 m² de couro, além das raspas. Nesta fase, o couro ganha sua cor base, espessura e maciez finais.
4. Couro acabado: é o estágio em que os couros recebem lixamentos de superfície, estampagem, impregnações, pinturas e aplicações diversas de ceras, óleos, resinas, lacas e efeitos para terem as características de cor, beleza, naturalidade, maciez, brilho e efeitos requeridos por modistas e desenhistas.
5. Manufaturados: são as capas (revestimentos) de sofás e automóveis que já podem sair prontas dos curtumes. Além disso, a partir dos couros são produzidas bolsas, malas, roupas, calçados e outros artefatos.

A qualidade final de um couro dependerá de três áreas de responsabilidade distintas:

1. Pecuarista: deve cuidar do animal,

do nascimento até o momento de transporte para abate. Problemas que podem ocorrer: carrapatos, riscos de espinhos, arames, ferrões, bernes, marcação a fogo, sarnas e bicheiras. Esses defeitos, no Brasil, são responsáveis pela perda em cerca de US\$ 20/couro.animal, resultando em um prejuízo de US\$ 800 milhões/ano para a economia do país.

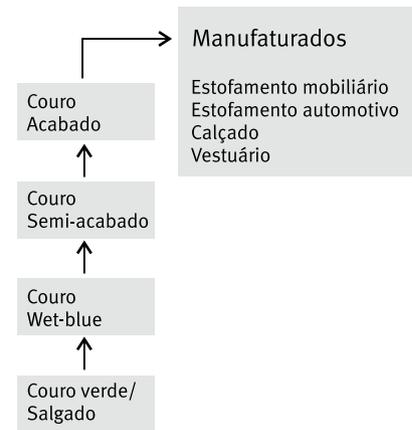
2. Frigorífico: do transporte até o momento da saída dos couros do frigorífico, após a esfolagem dos animais. Problemas que podem ocorrer: arranhões nos animais, durante o transporte, por pontas de parafusos, madeiras, ferrões; no abate, cortes, perfurações, excesso de “peso morto” de sangue deixados no couro, durante a esfolagem. Significam perda de US\$ 10/couro durante a esfolagem e geram prejuízos de US\$ 400 milhões/ano.
3. Curtumes: Da saída dos couros dos frigoríficos até o pós-acabamento final. Têm obrigação de transportar bem os couros, preservando-os, industrializando-os modernamente, evitando perdas, valorizando a naturalidade dos produtos e comercializando-os bem. Certamente, uma parte bem significativa da indústria desperdiça matéria prima e paga um preço alto por isso – sua autodestruição. Antes disso, in-

flige à economia do país prejuízos não inferiores a US\$ 10/pele.animal, ou US\$ 400milhões/ano.

A “cadeia do desperdício e dos maus-tratos” infligidos aos animais e ao couro geram perdas anuais para a economia do país da ordem de US\$ 1,6 bilhões/ano, apenas no tocante ao couro. Como transformar essas perdas em ganhos? Uma forma é não reinventando a roda, ou seja, copiar o que fizeram as economias mais maduras e desenvolvidas, como os Estados Unidos e Europa. Salvo exceções, nesses países, o animal e seu couro são bem tratados, porque entende-se que são produtos nobres, um alimentando e outro protegendo e preservando a espécie humana. Entendem que, na pecuária, no abate e nos curtumes, impera a livre concorrência e um sistema mercadológico de concorrência. Qualquer ganho ou perda é distribuído proporcionalmente às responsabilidades dos agentes econômicos envolvidos.

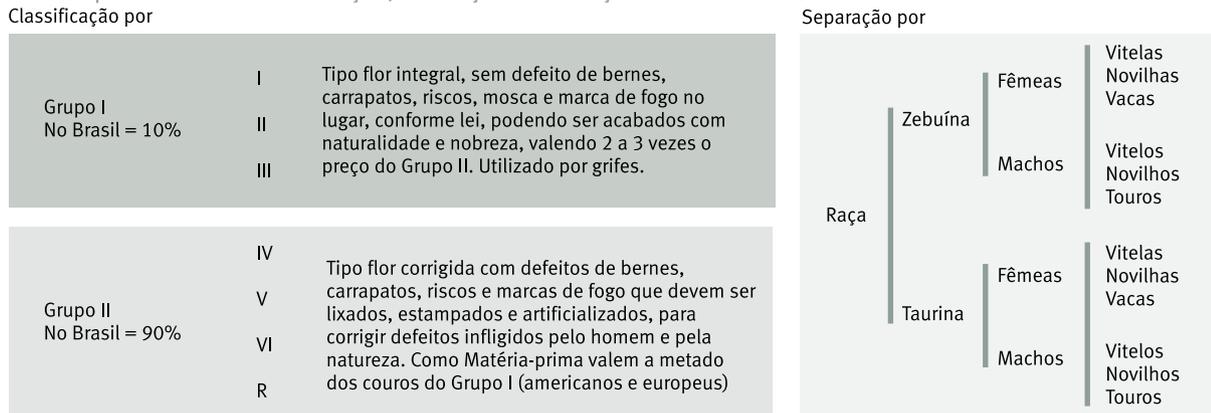
Certamente, essa visão madura da economia de mercado está ausente das mentes dos pecuaristas brasileiros, quando afirmam que nada recebem pelo couro. Ao contrário, os curtumes têm pago entre US\$ 30,00 e 35,00 por peça de couro, ou seja, 10% do valor do animal. Esse preço, no entanto, poderia ser mesmo elevado para até US\$ 65,00, o que depende inteiramente de um esforço para se elevar o valor/qualidade do couro brasileiro ao mesmo patamar dos couros europeus e americanos. ¹⁰

FIGURA 2 | ETAPAS DE INDUSTRIALIZAÇÃO/COMERCIALIZAÇÃO DO COURO E DESTINO DO PRODUTO



Fonte: Braspelco

FIGURA 1 | ESTRUTURA DE CLASSIFICAÇÃO, SEPARAÇÃO E TIPIFICAÇÃO DE PELES BOVINAS



Fonte: Braspelco